



Plantio solidário: a educabilidade do mutirão *Solidary planting and the educability of the mutirão*

GUERRA, Julia¹; COSENZA, Angelica²; SCHITTINI, Cristina³; SELLERI, Drielli⁴
¹ UFJF\GEA\MST, ju-guerra@hotmail.com.br; ² UFJF\GEA ,ar_cosenza@hotmail.com; ³ UFJF\GEA, cris.schittini@gmail.com; ⁴ UFJF\GEA, drielli.selleri@icb.ufjf.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo: Proposto inicialmente pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) e desenvolvido em parceria com diversas organizações militantes, o Plantio Solidário visa produzir coletivamente alimentos agroecológicos para serem doados às famílias em situação de vulnerabilidade social da cidade de Juiz de Fora e região. O Plantio se organiza por meio de mutirões que são realizados nos solos coletivos do assentamento Denis Gonçalves, Zona da Mata, MG. O projeto, a partir dos mutirões, junto às famílias atendidas, voluntários e militantes, traz para a vivência destes, a experiência formativa que eles pressupõem. É intuito que haja espaço para trocas e reflexões críticas sobre as contradições da sociedade capitalista, bem como a aproximação com os movimentos sociais e com a agroecologia. Neste trabalho, compreendemos e sistematizamos as metodologias próprias encontradas na educabilidade dos mutirões, partindo do trabalho coletivo em solidariedade, da organicidade do MST e dos princípios agroecológicos ali vivenciados.

Palavras-Chave: formação popular; educação ambiental; MST; agroecologia.

Contexto

Em abril de 2022, acontece o primeiro mutirão deste projeto de ação social, que tem como principal objetivo produzir coletivamente alimentos agroecológicos para serem doados para famílias em situação de vulnerabilidade da cidade de Juiz de Fora, MG e região. Esta produção coletiva de alimentos é feita por voluntários, militantes, assentados e pelas próprias famílias que são beneficiadas. O Plantio Solidário é um projeto proposto pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra MST, mas é construído em parceria com coletivos e organizações militantes da cidade de Juiz de Fora, tais como: Fórum Feminista 8M; Frente Autônoma; Pretxs em Movimento; Mutirão da Meninada do Vale Verde; Associação Brasileira de Psicologia Social Abrapso; e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental GEA\UFJF – o que traz um aspecto importante e diverso para o trabalho coletivo, unindo campo e cidade. Atualmente, o Plantio alcança 6 territórios, mobiliza 50 famílias, e indiretamente oferece alimentos agroecológicos para tantas mais, nesses mesmos territórios mobilizados.

Estes mutirões ultrapassam o caráter da materialidade do plantar, também são experiências formativas, que a partir do diálogo e do trabalho coletivo cria reflexões críticas sobre os paradoxos da sociedade capitalista, aproximam os sujeitos das periferias urbanas aos movimentos sociais e à agroecologia enquanto projeto societário contra hegemônico. A construção do conhecimento agroecológico se dá



na prática viva do mutirão, desde os princípios mais técnicos e biológicos dela, como também na aproximação dos sujeitos à temática da luta pela terra, por condições dignas de trabalho camponês, e pela soberania alimentar.

Ao longo do desenvolvimento do Plantio Solidário, com intuito de pesquisar a educabilidade dos mutirões, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sujeitos representantes das famílias mobilizadas dos bairros. A partir destas falas foi possível identificar potencialidades e limites, que serão melhores descritos ao longo deste relato.

Os mutirões se dão semanalmente aos sábados de 8 às 14hrs. Há uma organização via grupo de conversas em aplicativo de celular, onde divulgamos as datas, intencionalidades e demandas de cada mutirão. Organizamos também uma lista de caronas no grupo, para viabilizar a ida de todos os voluntários e militantes. Trabalhamos com campanha de arrecadação financeira solidária, e o valor arrecadado é utilizado para custear a alimentação dos mutirões, mudas, esterco, sementes e demais itens para o plantio, além de viabilizar a ida das famílias mobilizadas dos bairros com o aluguel de uma van. Estas idas ao assentamento, participando dos mutirões, plantando e colhendo o alimento agroecológico e convivendo em coletividade, é a base da experiência formativa proposta. Para que esta organização seja feita, é necessário a inserção de militantes em Grupos de Trabalhos (GTs), como: finanças, mobilização, ciranda, alimentação e produção, que são Inspirados na lógica da organicidade do MST.

A estrutura formativa, é permeada pela organicidade própria do trabalho coletivo dentro do MST, e este já é um ponto importante para identificar sua educabilidade. Ou seja, é a partir da vivência junto a um movimento social de 39 anos de existência, que é baseado na luta popular pela terra, e que segue se consolidando como um dos maiores movimentos sociais da América Latina, que a educabilidade dos mutirões pode perceber-se. Isso compõe parte importante do contexto, bem como a história deste assentamento que sedia tais atividades.

O assentamento Denis Gonçalves, situado na cidade de Goianá e Chácara, Zona da Mata de Minas Gerais - Brasil, é um lugar histórico que guarda em suas terras um amplo espectro da história brasileira. A antiga Fazenda Santana passou todo o ciclo do café em alta categoria, sendo uma das mais importantes referências daquele momento. Possuía maquinário de ponta para a época, além de ser uma fazenda referência também na 'reprodução de escravos'. Essa é uma parte perversa da história brasileira que está marcada em tal território. Ao passar por ele, vivenciando um processo formativo como o Plantio Solidário pressupõe fazer, podemos tentar fazer uma análise da necessidade de luta organizada que já foi feita - e que ainda temos de fazer - para reordenar nossas terras e nossa história enquanto país, rumo a um futuro mais justo socioambientalmente, e, portanto, fundiariamente, para todos e todas.



A ocupação desta fazenda se deu em 2010, uma vez que estas terras estavam em desuso desde o fim do ciclo do café. O processo de desapropriação se iniciou em 2013, data que se comemora o aniversário do Assentamento Denis Gonçalves, o maior assentamento de Minas Gerais, e que guarda mais da metade de sua área como área de reserva ambiental e onde 155 famílias habitam.

Descrição da Experiência

A Agroecologia é um dos pilares centrais da experiência proposta pelo Plantio Solidário. Enquanto modo de produção agrícola, a agroecologia não se limita a uma forma de manejo, há um caráter político, crítico e social que se entrelaça com as lutas por justiça socioambiental. Dito isso, a Agroecologia nos convoca a um diálogo de saberes e intercâmbio de experiências; a uma conjugação-de ciências e técnicas; a uma interdisciplinaridade (LEFF, 2002). Como dito por Caldart (2022), a agroecologia é sustentada por três pés, sendo o “pé” da prática, o “pé” da ciência e o “pé” da luta. Nesse sentido, a Agroecologia posta no Plantio Solidário, pode ser notada na tríplice (a prática, o movimento social e a ciência) sempre mobilizada com a intencionalidade formativa dos sujeitos. Todo o trabalho realizado nos mutirões se relaciona de uma ou de outra forma, a essas facetas agroecológicas, alinhado à ideia de alimentação saudável, que não se restringe à questão nutricional e biológica, nem a um ato individual e impessoal. Semelhante ao que aponta Guhur e Silva (2021, p.68), para o Plantio Solidário alimentação é um ato político, é um direito coletivo, em que se expressa a cultura de cada povo, e que sofre as pressões e imposições das políticas neoliberais e do poder decisório das corporações do sistema agroalimentar. A Agroecologia é o pano de fundo central da experiência, e dito isso, podemos enumerar 6 passos metodológicos, que serão descritos a seguir.

1º passo: trazer para o contexto desta experiência, o conceito de justiça ambiental. A partir deste conceito podemos, de fato, compreender a profundidade da crítica urgente ao nosso tempo. A Justiça Ambiental busca superar as injustiças ambientais agravadas pela desigualdade de classe, gênero e raça, através do reconhecimento e engajamento político dos/as cidadãos/ãs (COSENZA, VIEIRA, ROTATORI, 2019). O conceito de justiça ambiental se refere à questão de que o direito à vida saudável, a acesso à terra, alimentação, lazer entre outros direitos que tem o ambiente como centralidade, não são igualmente compartilhados pelos diferentes agentes sociais, de diferentes classes e contextos sociais. Nesse sentido, as injustiças surgem como força motriz para o surgimento do Plantio Solidário, e nos auxilia a compreender e atuar na realidade concreta. Na fala de uma entrevistada (Dália) do bairro Vale Verde, que participa ativamente dos mutirões e recebe as doações do plantio, podemos perceber a tomada de consciência sobre a relação entre a fome e as injustiças socioambientais *“Do meu coração assim, existe fome pelo seguinte, porque muitas vezes não tem onde plantar, não aquele recurso assim, não tem um lugar pra plantar aquilo plantar isso, doar pra alguém (...) E é caro pra gente comprar”*.



2º passo: gerar espaços de envolvimento solidário. Cara para os movimentos sociais de forma geral, no projeto a solidariedade parece assumir centralidade:

O princípio da solidariedade, portanto, tem um papel central como articulador dos diferentes atores envolvidos. É o princípio que costura as diferenças. Ele é construído pelo grupo durante a sua trajetória e tem como base um referencial de valores e ideologias compartilhados, em parte advindos dos usos e tradições. (SERRÃO. 2011, p. 4)

Percebe-se, que a solidariedade aproxima-se de forma específica no trabalho dos mutirões, pois a prática formativa se dá em meio ao trabalho coletivo. O trabalho é central, mas não dentro da lógica do capital. A educabilidade dos mutirões, partindo do trabalho que é realizado coletivamente, vai na contramão do sentido histórico do trabalho dentro do capitalismo. Nesse sentido, concordamos com Frigotto, Ramos e Ciavata (2005, p. 3) quando dizem que o trabalho como princípio educativo deriva do fato de que todos os seres humanos são seres de natureza e, portanto, tem a necessidade de alimentar-se, proteger-se das intempéries e criar os seus meios de vida.

Por meio de relatos, falas dos voluntários, vivências e experiências nos mutirões, percebemos o trabalho coletivo e solidário como central na experiência formativa. Nas palavras de Açucena:

A alegria no semblante de todos na hora que a gente tava plantando. Uma sensação de abraço, por que assim, eu não te conheço, você não me conhece, mas todo mundo tava junto alegre plantando. Isso mexeu comigo de uma maneira, sabe...várias pessoas que eu não conhecia, que eu conversei, que parecia que eu já conhecia. Aquele serviço de roça mais pesado, mas todo mundo com aquele sorriso, aquela alegria e união.

3º passo: a partilha da mesa do alimento, como ato político, democrático e emancipatório. No início das manhãs há um café solidário, onde os/as voluntários/as do projeto, pessoas dos próprios coletivos, assentados, e voluntários de diversas esferas contribuem levando alimentos para o café. O almoço coletivo também é um momento significativo para a educabilidade. Partilhar o alimento, a refeição farta, rica em vegetais, legumes e verduras muitas vezes colhidos no próprio mutirão, as frutas a disposição o dia todo, compõe uma experiência que nas mesas de muitas famílias em vulnerabilidade é raridade.

4º passo: a complementaridade das místicas, dinâmicas de grupo e rodas de conversas vivenciadas nos mutirões. O café da manhã coletivo é seguido pela "mística", que no contexto sem-terra é um ato cultural em que suas lutas e esperanças são representadas (MORISSAWA, 2008, p. 208). A mística é pensada a cada encontro por um grupo de voluntários, se dá na abertura de todo e qualquer trabalho coletivo, e é marcada por um conjunto breve de ações que podem envolver música, poesia e teatro, e que trazem uma intencionalidade ao trabalho, e refletem sobre a luta social que está ali por trás.



As rodas de conversa e dinâmicas de grupo são intimamente ligadas à ideia de 'Círculos de Cultura' de Paulo Freire, compreendendo-os como rodas de conversa que se debruçam sobre elementos, imagens ou palavras disparadoras do diálogo, onde todos os presentes têm liberdade plena de trazer suas próprias reflexões geradas a partir destes elementos, sempre pensados em diálogo com as lutas populares e a agroecologia. Podemos perceber nas falas de Dália e de Rosa que nesses espaços formativos dos mutirões e nas reflexões neles geradas, há a compreensão da importância do movimento social MST como transformador da sociedade, e como ferramenta de luta popular. Nas palavras de Rosa e Dália:

Nunca tinha ouvido falar [do MST], geralmente a gente ouve na televisão, mas a visão é totalmente diferente. O que eu vi lá [no assentamento] foi aquela alegria toda, mas na tv é diferente. Eles estão roubando terra, estão invadindo. É uma coisa nada a ver. A mídia transmite isso pras pessoas. Importante ir conhecer. A mídia muitas das vezes é mentirosa.

Achei ótimo o movimento, pessoas que não tem nada e quer ter alguma coisa. Luta, tem que lutar. É o que eu gosto, força, luta, até chegar onde que 'quer'. Até conseguir o que querem. Tem muitos que tem muito, e outros que não tem nada, então é justo. A luta é justa.

5º passo: divisão de tarefas. No trabalho coletivo, há divisão de tarefas entre os sujeitos participantes, de forma horizontal que potencializa o protagonismo de cada um dentro do grupo. O manejo da horta, o plantio e as colheitas são parte do trabalho e há a equipe que cuida do preparo do almoço e um grupo que assume os cuidados com as crianças presentes no coletivo, trabalho esse chamado de "ciranda".

Por fim, o 6º passo: a ciranda, parte importante para a metodologia dos mutirões. É uma prática fundamental no MST, e é a partir da existência das cirandas que àqueles que têm filhos, podem participar de outras tarefas, cientes que o grupo se responsabiliza pelo cuidado coletivo das crianças. A ciranda contribui principalmente para as mulheres, pois histórica e socialmente elas assumem quase que integralmente os cuidados com os filhos. Uma vez garantido o cuidado com as crianças, elas podem compreender-se como sujeito social para além do papel de mãe ou cuidadora. As cirandas são parte do trabalho coletivo. Nelas, as crianças podem participar do plantio, realizar a leitura de livros, trabalhos artísticos e demais atividades construídas e propostas pelo grupo responsável.

Resultados

O Plantio Solidário alargou suas ações para além do território do Assentamento. Em 2022 deu início a um projeto de horta escolar, com os princípios agroecológicos e pedagógicos do Plantio Solidário, numa escola pública estadual da cidade de Juiz de Fora, e também no ano de 2023 iniciamos o mesmo trabalho em outra escola municipal da cidade. Concomitantemente, o GEA/UFJF criou um projeto de extensão 'Percurso agroecológicos e Plantio Solidário, quando professores e agricultores se encontram', atuando na formação de professores/as na mesma



escola estadual mencionada, com o objetivo de aprofundar saberes em agroecologia escolar e educação ambiental crítica. No bairro de uma das escolas houve um importante desdobramento, ao ser implantada uma horta comunitária na creche do bairro e sendo cuidada pelo coletivo de moradores e militantes do Plantio Solidário.

Outro resultado importante e que dá sustentação para o presente relato de experiência é o fato de que o Plantio Solidário inspirou até o presente momento três Trabalhos de Conclusão de Curso em graduações diferentes – psicologia, serviço social e pedagogia – o que ressalta a relevância desta ação popular para dentro dos espaços acadêmicos.

Nestes desdobramentos do Plantio Solidário atuando em escolas públicas, percebemos e reafirmamos a potência pedagógica das hortas solidárias, e como o diálogo entre agroecologia e lutas populares por justiça socioambiental e soberania alimentar são intrinsecamente ligadas a este trabalho, gerando solo fértil para uma possível transformação do mundo. Há limites próprios percebidos nas metodologias do Plantio Solidário, mas o que nos dá esperanças é ver que avançamos na formação popular e na aproximação entre campo e cidade, a partir da agroecologia. Percebemos como limite ou fragilidade, por exemplo, a dificuldade que alguns sujeitos participantes dos mutirões tiveram em consolidar conceitos básicos como o que é o agronegócio e o que é agroecologia. Por mais que na prática e nas suas falas estes mesmos sujeitos demonstrem a compreensão que o agronegócio usa veneno e a agroecologia não, este ainda é uma compreensão limitada e frágil. Há de se aprofundar na discussão sobre estes dois modelos e conceitos.

Em meio ao cenário de fome e atravessamentos socioambientais que revelam as injustiças do capital, lidar com a terra, plantar comida de verdade, entender os ciclos e caminhos do alimento à mesa, colher e partilhar, o Plantio Solidário se mostrou um espaço de luta e de formação agroecológica e política. Nele, aprendemos que a luta é árdua, mas é possível percorrer caminhos junto à esperança.

Referências bibliográficas

CALDART, Roseli. A Agroecologia na Formação de Educadores (Texto de Exposição1) Sistematização elaborada a propósito da participação em atividade com docentes e discentes da Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima, mesa “**Educação do Campo e Agroecologia: desafios na formação**”. 24 maio 2022.

COSENZA, Angelica; VIEIRA, Paula; ROTATORI, Camila. O que fazem as escolas públicas de Juiz de Fora - MG que dizem fazer? ter uma horta? – **X EPEA** - São Cristóvão - Universidade Federal de Sergipe, SE. 1 a 4 de setembro de 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. In: COSTA, H.;



CONCEIÇÃO, M. (Org.). **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo, CUT, 2005.

GUHUR, Dominique.; SILVA, Nívea. Agroecologia. In: **Dicionário de agroecologia e educação**. DIAS, A. et al.; 1.ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, nº 1, p. 36-61, jan./mar. 2002.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo. Expressão Popular, 2001.

SERRÃO, Monica. Movimentos sociais e educação ambiental: contribuições para uma aproximação necessária. **VI EPEA** Ribeirão Preto, setembro de 2011.